

## Controle e luta pela vida em tempos de biopoder

### RESUMO

O trabalho teórico de Foucault durante os anos oitenta centrava-se nos caminhos tomados pela razão no ocidente, assim como nos seus efeitos paradoxais na vida política das sociedades. Para o filósofo, nos últimos três séculos, ocorreu o desenvolvimento progressivo de diversas tecnologias de poder e de técnicas de controle das subjetividades e das populações. Segundo Foucault, tal problema não é somente teórico, mas também afeta a prática cotidiana de cada um de nós, exigindo alguma atitude efetiva de todo indivíduo que participe do tempo presente.

**Palavras-chave:** Vida; Controle; Biopoder.

### ABSTRACT

The theoretical work of Foucault during the 1980s focused on the paths taken by reason in the West, as well as in its paradoxical effects in the political life of societies. For the philosopher, in the past three centuries, there was the progressive development of various technologies of power and control techniques of subjectivities and populations. According to Foucault, this problem is not only theoretical, but also affects the everyday practice of each one of us, requiring some effective attitude of every individual who participates in the present.

**Key words:** Life; Control; Biopower.

---

\* Doutor em Filosofia. Coordenador do Laboratório de Filosofia Contemporânea da Universidade Federal do Rio Janeiro. É Professor do Departamento de Filosofia da UFRJ. Pesquisador do CNPq e da FAPERJ. Membro do Centre Michel Foucault, França. Coordenador no Brasil do acordo internacional apoiado pelo Ministério de Educação argentina (RSDU 1070/10) na área de Filosofia Política, que integra Argentina, Brasil e México. É Pesquisador-Visitante do NU-SOL, PUC-SP. E-mail: [guicbranco@ig.com.br](mailto:guicbranco@ig.com.br)

Uma suspeita motivava o trabalho teórico do Foucault durante os anos 1980 e centrava-se nos caminhos tomados pela razão no ocidente, assim como nos seus efeitos paradoxais na vida das sociedades. Para o pensador, a história da razão, nos últimos três séculos, mostra o crescente avanço de diversas tecnologias de poder e constitui-se de diversas e sucessivas técnicas de controle da subjetividade e das populações, o que faz desta racionalidade, no campo político, uma estranha e questionável conquista no campo histórico-social e político:

creio que, desde o século XVIII, o grande problema da filosofia e do pensamento crítico sempre foi, ainda é, e creio que continuará a ser o de responder à questão: o que é esta razão que nós utilizamos? Quais são seus efeitos históricos? Quais são seus limites e quais são seus perigos? (FOUCAULT, 1994, v. IV, p. 279).

Para Foucault, tal problema não é somente teórico, mas também afeta a prática cotidiana de cada ator político. Todos nós vivemos em tempos nos quais os mais espantosos excessos de poder político, que estão acompanhados de genocídios e extermínios sem fim, justamente no século XX, estão postos diante de nós de modo irreversível e sem retoque. Foucault cita como exemplo o fascismo e o stalinismo como sendo patologias do poder, onde crimes terríveis foram cometidos, mas alerta, com muita pertinência, que

o fascismo e o stalinismo utilizaram e ampliaram mecanismos já presentes na maioria das sociedades. Não somente isto, mas utilizaram, malgrado sua loucura interna, as idéias e os procedimentos de nossa racionalidade política." (FOUCAULT, 1994, v. IV, p. 224).

A questão vem da articulação dos conhecimentos técnicos e científicos com as mais diversas modalidades de extermínio e genocídio, em escalas e dimensões distintas, em práticas que vão da guerra ao descaso com os não cobertos pela segurança social, de maneira a que tal articulação se passe nos mais diversos campos de intervenção social, tais como os campos jurí-

dicos, médicos, militares, pouco importa, desde que funcione algum modo de controle, de exclusão e de eliminação.

Para Foucault, a racionalidade política, há muito tempo, ultrapassou os limites do razoável. Não é à toa para ele, portanto, que desde Kant e sua Crítica, o papel da filosofia foi e é o de impedir a razão de ir além de seus limites. A burocracia e os campos de concentração, com todo o seu aparato técnico-científico, com todas as competências funcionais a seu serviço, são prova cabal desse excesso da racionalidade em nossa época. Sua questão, portanto, não é de ordem moral, através da refutação do uso da racionalidade em nome de valores humanos, nem é a de procurar ter êxito na contestação do poder da razão, em nome de um campo extra-racional. Sobretudo, sua questão não se faz pela crítica à totalidade social, à racionalidade que presidiria ao mundo sócio-político considerado como um todo; mais especificamente, sua crítica possibilita que vejamos como, a partir da análise histórica de diversos campos menores e aparentemente menos importantes da vida social, "[...] nós podemos mostrar como nós nos tornamos prisioneiros de nossa própria história" (FOUCAULT, 1994, v. IV, p. 225).

Segundo Foucault, para demonstrar como ocorreram e ocorrem tais excessos técnico-científico-políticos, o melhor caminho é partir de experiências sociais e particulares, ainda assim absolutamente significativas e que desvelam como se exercem as práticas de dominação em curso em nossas sociedades, para chegar a análises de situações do presente histórico mais próxima do mundo efetivo das relações de poder:

sem dúvida, é mais sensato não considerar a racionalização da sociedade ou da cultura, mas acima de tudo analisar o processo em diversos domínios, em que cada qual remete a uma experiência fundamental: a loucura, a doença, a morte, o crime, a sexualidade, etc. (FOUCAULT, 1994, v. IV, p. 225).

Deste modo, trata-se de mostrar como um determinado aspecto da vida social tem

o poder de desvelar as modalidades de funcionamento político mais globais da sociedade, o que põe no centro da cena o presente histórico, as relações possíveis entre a teoria e a prática, as lutas de resistência às práticas hegemônicas. A grande questão política não é grandiosa e imponente, pois a vida política acontece nas diversas técnicas de poder e na dinâmica sempre viva das relações de poder, com suas estratégias em constante transformação. São nos pequenos acontecimentos, nos focos menores e mais problemáticos das tecnologias de poder, que estão abertas as chaves para a análise dos excessos de poder na modernidade. Os campos que permitem a superação das dependências políticas específicas, e que exigem uma luta política específica, são definidos por Foucault de uma maneira absolutamente transparente e coerente com todo o seu ideal de pensamento e ação, e se situam no vasto e sempre divisível universo da micropolítica.

Talvez o maior ensinamento que o filósofo procura trazer aos jovens (e velhos) ativistas políticos é o de que a participação política não é nem pode ser um campo de ação subordinado a um conjunto de regras e determinações ditadas pelos comitês dos movimentos políticos e pelos seus líderes. Se fosse assim, a militância política de base, grosso modo, seria apenas uma modalidade de obediência cega às determinações ditadas acima e independentemente dos ativistas. Na contramão desta forma de ação política centralizadora e hierquizada, Foucault defende que existem lutas de resistência ao poder autônomas e centradas em questões que tocam a sensibilidade e a vida de pessoas, profissionais e técnicos envolvidos diretamente numa certa prática cotidiana. Assim, médicos, psicólogos, filósofos, membros dos laboratórios de pesquisa, advogados, psiquiatras, camponeses, usuários, agentes penitenciários, policiais, juizes, promotores, farmacêuticos, terapeutas ocupacionais, professores, técnicos educacionais, fiscais de renda, policiais, atletas, etc., são possíveis e reais contestadores dos poderes que são

exercidos em seu cotidiano, nos focos mesmos dos exercícios dessas relações de poder, que envolvem o sangue real, a sensibilidade e até mesmo os corpos dos envolvidos nas suas respectivas práticas e relações de poder.

Maio de 68, para Foucault, é o foco irradiador de uma nova percepção e de uma nova problematização da política, que no momento de sua eclosão tinha aspectos totalmente paradoxais:

parece-me que poderia se reconhecer aí elementos absolutamente contraditórios: por um lado, um esforço posto de forma vasta em levantar para a política toda uma série de questões que não decorriam tradicionalmente de seu domínio estatutário (a questão das mulheres, das relações entre os sexos, da medicina, da doença mental, do meio ambiente, das minorias, da delinqüência); [...] De maneira que nos encontramos diante de interrogações dirigidas à política sem que elas sejam nascidas de uma doutrina política. Deste ponto de vista, uma tal liberação da questão parece que jogou, a meu ver, um papel positivo: pluralidade das questões postas à política, e não apenas uma reinscrição do questionamento no quadro de uma doutrina política." (FOUCAULT, 1994, v. IV, p. 595).

O lado militante e partidário das resistências ao poder, de Michel Foucault, aparece a todo momento, por exemplo, no GIP (sobre as prisões), no apoio às lutas de minoria, nas lutas em favor do direito ao aborto, nas lutas em prol da ecologia, nas lutas dos povos do terceiro mundo (em especial no caso da revolução iraniana, que ele acompanhou de perto, escrevendo uma série de artigos jornalísticos sobre o assunto, lá mesmo). Por tudo isto, pode-se falar, sem medo de errar, que Foucault acredita no potencial inventivo das lutas de libertação e nas estratégias transformadoras que emergem dos/nos acontecimentos cotidianos que compõem a história. Há, portanto, uma noção de participação política que não ocorre no contexto da vida partidária (e, por extensão, em desacordo com

toda forma de militância aceita pelos meios jurídicos e respaldada pelos institutos políticos oficiais).

A convicção política de Foucault quanto ao papel transformador das lutas específicas, parciais, fragmentadas, que visam à alteração de aspectos bem delimitados do mundo social, está na contramão de uma concepção fechada do devir histórico, de caráter determinista, onde o papel das comunidades e das classes sociais está previamente definido. Apesar de Michel Foucault nunca ter negado a importância revolucionária da luta de classes, em especial na última fase de seu pensamento, ele jamais aceitou a tese de que apenas a luta de classes seria vetor privilegiado nas lutas políticas pela transformação social. Do mesmo modo, Foucault desconfia profundamente dos projetos totalizantes e das promessas revolucionárias de realização de novos mundos sociais apresentados no decorrer do século XX, que levaram a regimes políticos do tipo fascismo e stalinismo, pelo fato de que a promessa de homem novo trazida por experiências políticas acabou gerando formas contundentes de controle social, onde se desenvolveram de maneira significativa as técnicas de dominação da vida subjetiva, assim como práticas de extermínio nunca vistas, em tamanho e investimento técnico, científico e ideológico.

Segundo o pensador francês, na sociedade ocidental, a partir do século XVIII, na qual o “poder político se deu por função gerenciar a vida.” (FOUCAULT, 1976, p. 182), dois pólos de controle vieram a se constituir. O primeiro, disciplinar, fez do corpo humano algo como uma máquina otimizável, passando a integrá-lo aos demais sistemas de controle de caráter, sobretudo, político e econômico. O segundo pólo centrou-se no corpo-espécie, isto é, no corpo que pode suportar intervenções e regularizações, mecanismo de intervenção que Foucault denominou de “bio-política da população.” (FOUCAULT, 1976, p. 183).

Na modernidade instaura-se a era do biopoder, na qual se estuda e se controla, dentre outras coisas, “[...] a natalidade, lon-

gevidade, saúde pública, habitação, migração.” (FOUCAULT, 1976, p. 184) de uma região ou de um país, do mesmo modo como se desenvolvem técnicas “[...] para se obter o assujeitamento dos corpos e o controle das populações.” (FOUCAULT, 1976, p. 184). Sem dúvida, o bio-poder tornou-se uma das ferramentas mais úteis posta à disposição para o avanço do capitalismo, uma vez que, dentre outras coisas, efetuando a

[...] inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e estabelecendo um ajuste dos fenômenos populacionais aos processos econômicos. (FOUCAULT, 1976, p. 185).

As instituições e técnicas de poder sobre a vida, portanto, estão presentes em todos os níveis do corpo social e desempenham papel chave no funcionamento do capitalismo no ocidente, há muito tempo.

Foucault faz uma observação bastante pertinente sobre o mundo ocidental (ocidental, no modo de falar francês, indica, sobretudo, os países ditos ricos da Europa e os USA), que, no seu entender, é um bloco que vive de acordo com uma bio-política que

faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos e faz do saber-poder um agente de transformação da vida humana. (FOUCAULT, 1976, p. 188).

Como resultado, chegou-se bem próximo a uma população adequada aos padrões de consumo desejáveis e controlados pelas instituições sociais e iniciativas políticas. Como consequência, os perigos da fome, das endemias e da pobreza coletivos estão, em tese, bastante afastados do ‘mundo desenvolvido’. Em compensação, Foucault afirma categoricamente que

fora do mundo ocidental, a fome existe, em uma escala maior do que nunca; e os riscos biológicos vividos pela espécie são talvez maiores, mais sérios – quem sabe? – do que antes do nascimento da microbiologia. (FOUCAULT, 1976, p. 188).

O quadro descrito por Foucault, nesta passagem da *História da Sexualidade I*, não é nada otimista, e vem nos alertar que o

mundo está rachado entre o que o europeu tradicionalmente entende como ocidente (civilização) e resto do mundo (barbárie). Os países pobres ou não-ocidentais, de acordo com o quadro desenhado pela análise de Foucault, são vistos com perigosos para o mundo civilizado, pois o cercam de ameaças que eles conseguiram superar, mas com ameaças que os rondam. Que atitude poderíamos esperar dos países ricos diante dos países pobres?

Voltemos, mais uma vez, às análises de Foucault sobre o que ocorreu aos países ocidentais com a utilização crescente da bio-política e do uso dos dispositivos de biopoder. Segundo ele, o sangue, as alianças baseadas no sangue, no valor simbólico de castas ou estamentos, foi substituído, no decorrer dos últimos duzentos anos, pelo sexo, pelas normas e regras de vida, pelas regularizações e disciplinas. Mas é o próprio Foucault quem alerta para o fato de que o simbolismo do sangue não foi pura e simplesmente substituído pela analítica da sexualidade. Em muitos casos (rebatimentos, interações ou ecos), a temática do sangue acabou por comparecer subrepticamente no exercício do poder político quando se supunha que ele estava ou está se exercendo apenas nos dispositivos do sexo. É neste caso, para Foucault, que o racismo se revela, na sua mais moderna versão, sob uma capa de política estatal, numa forma de preocupação apenas aparentemente biológica e/ou médica. Um conjunto de intervenções conjuntas se fazem sentir, numa ordem de complexidade crescente, para a cuidado racial (biológico) da população:

toda uma política de povoamento, da família, do casamento, da educação, da hierarquização social, da propriedade, e uma longa série de intervenções permanentes ao nível do corpo, das condutas, da saúde, da vida cotidiana receberam então sua coloração e sua justificativa do cuidado mítico de proteger a pureza do sangue e de fazer triunfar a raça. (FOUCAULT, 1976, p. 197).

A forma contemporânea de racismo mobiliza diversos micro-poderes, institui-

ções e políticas estatais, que ativam saberes e capacidades técnicas a serviço da "exaltação onírica do sangue superior." (FOUCAULT, 1976, p. 197). A união de racismo cínico com a eufórica perspectiva de purificar o sangue e proteger o povo, assim, é um dos elementos mais característicos do mundo contemporâneo. Caracteriza, ademais, modos de pensar e agir que propiciam o genocídio sistemático dos outros, dos indesejáveis, e torna possível até mesmo o sacrifício total do próprio povo em nome da defesa de uma identidade política, cultural e/ou étnica. O nazismo, segundo Foucault, realizou uma combinação dos fantasmas do sangue com usos explícitos e exagerados de poder disciplinar que acabou por tornar seu racismo tão terrível quanto ingênuo. Se o nazismo realizou o mais terrível massacre de que os homens se lembram na atualidade, os crimes racistas praticados em massa no último século são disseminados e amplamente espalhados por todos os blocos políticos e por todos os países do mundo, na maioria dos casos feitos segundo uma administração calculada das mortes com o controle dos meios de divulgação de seus resultados. Na prática, a razão científica e os saberes técnicos ligam-se a dispositivos de controle social, para juntos levarem a cabo o exercício racional do assassinato em massa. Pensando nestes termos, ainda está para se fazer uma análise mais detalhada dos vínculos do logocentrismo com o racismo.

Seria o caso, também, de perguntar se as guerras não teriam tão somente componentes políticos, ideológicos ou econômicos, mas se, pelo contrário, elas obedeceriam, sobretudo, a um critério e agir racistas que visam à eliminação dos indesejáveis escolhidos segundo padrões montados por toda uma racionalidade biopolítica. Por outro lado, poder-se-ia pensar que desde a emergência do Estado Moderno surgiu uma pseudo-justificativa oficial para a administração controlada da raça e da população: os outros elimináveis não possuíam as boas qualidades desejáveis a um corpo social normal ou ideal. O outro indesejável, anormal, estranho, logo passível de eliminação, seria aquele que

possui alguma falha, seria aquele que não possui os atributos plenos do ser humano normal e civilizado, este sim merecedor da manutenção na existência, racial, eugênica e comportamental, uma vez que possui um modo de vida adequado aos princípios das modernas técnicas de gestão da vida. As lutas de resistência, neste contexto, são aquelas nas quais os indivíduos e suas próprias vidas estão envolvidas até o pescoço e são realizadas com toda urgência.

Quando, na fase final de sua obra, Foucault dá importante lugar às relações de poder e às resistências ao poder, vislumbra que dentre as lutas de resistência relevantes da atualidade, as lutas em torno da individualização são as

[...] que combatem tudo o que liga o indivíduo a ele mesmo. E que asseguram, deste modo, sua submissão aos outros (lutas contra o assujeitamento, contra as diversas formas de subjetividade e de submissão. (FOUCAULT, 1994, v. IV, p. 227).

O que não significa dizer que as lutas contra o assujeitamento desmereçam as demais tradicionais formas de luta; mas que elas, na verdade, são as mais incisivas do tempo presente:

[...] hoje, na atualidade, é a luta contra as formas de assujeitamento – contra a submissão de subjetividade – que prevalece cada vez mais, ainda mais porque as lutas contra a dominação e a exploração não desapareceram, bem pelo contrário (FOUCAULT, 1994, v. IV, p. 228).

Ao fim e ao cabo, nós também temos que recusar, se tivermos ainda capacidade de reação aos instrumentos e tecnologias do poder, o tipo de individualidade com a qual fomos forjados, e sermos capazes de inventar e criar novas formas de vida e novas relações conosco mesmos e, neste segundo caso, temos que ultrapassar constantemente os nossos limites subjetivos. Mas não se trata apenas do cuidado conosco mesmos e da elaboração de uma estética da existência.

As relações de poder e as técnicas de controle postos em prática nos tempos de

biopolítica, se fazem tanto sobre as populações como sobre os indivíduos e as lutas políticas se fazem seja em escala macropolítica seja em escala micropolítica. Por este motivo, a militância política não pode se restringir a suas formas tradicionais, ou seja, com reivindicações de caráter econômico social e cultural. Hoje, a política, a militância política, é e pode ser feita com demandas e objetivos que são crescentemente de caráter biológico e vital. O valor maior que está em jogo nas lutas de resistência é a vida, com efeitos inegáveis nos modos de vida que vamos adotar enquanto seres livres e autônomos. Foucault, neste particular, é incisivo:

[...] contra o poder ainda novo{biopolítico} no século XIX, as forças que resistem tomaram apoio exatamente naquilo que este poder investe – isto é, na vida e no homem enquanto ser vivo....É a vida, bem mais que o direito, que tornou-se então o assunto das lutas políticas, ainda que estas se formulem através de afirmações de direitos. O 'direito' à vida, ao corpo, à saúde, à felicidade, à satisfação das necessidades [...] (FOUCAULT, 1976, p. 190-191).

No terceiro mundo, lembraria Foucault, a luta pela vida é a primeira bandeira a ser levantada, pois estamos na linha que os países ditos 'ocidentais' demarcaram para determinar quem são os que devem viver e os que devem morrer. A questão da luta pela vida, portanto, afeta a todos hoje, pois todos nós vivemos na dependência de grandes engrenagens burocráticas que determinam se temos ou não direito à assistência médica, à licença-saúde, à direito à aposentadoria, a uma pensão digna, ao direito de morrer com dignidade, ao direito até mesmo de ser enterrado. Por outro lado, temos que lutar para sermos considerados sãos e saudáveis, para que não sejamos tidos como loucos ou incapazes, para não sermos taxados de anormais.

A grande luta política, alerta Foucault, é a de antecipar e sonhar que um dia, distante da era do biopoder, possamos viver "[...] numa outra economia dos corpos e dos prazeres." (FOUCAULT, 1976, p. 211).

## Referências bibliográficas

CASTELO BRANCO, G. Atitude-limite e relações de poder: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault. *Verve*, n.13, SP, NU-SOL/PUC-SP.

\_\_\_\_\_. Ontologia do presente, racismo, lutas de resistência. In: PASSOS, Izabel Fniche (Org.) *Poder, normalização e violência*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2008.

\_\_\_\_\_. Foucault. In: PECORARO, Rossano (Org.). *Os Filósofos Clássicos da Filosofia*, v. III. RJ: Ed. PUC-Rio- Ed. Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Anti-individualismo, vida artista: uma análise não fascista de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. Michel Foucault, a literatura, a arte de viver. In: HODDOCK-LOBO, Rafael (Org.). *Os Filósofos e a Arte*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2010.

DUARTE, A. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). *Para uma vida não fascista*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vidas em Risco: crítica do presente*

em Heidegger, Arendt e Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. *Surveiller et Punir. Naissance de la Prison*. Paris: Gallimard, 1975.

\_\_\_\_\_. *Histoire de la Sexualité I. La Volonté de Savoir*. Paris: Gallimard, 1976.

\_\_\_\_\_. *Dits et Écrits. 1954-1988*. Paris: Gallimard. 4 vols. Orgs. D. Defert, F. Ewald e J. Lagrange. Paris: Gallimard, 1994.

\_\_\_\_\_. *Les anormaux*. Paris: Ed. du Seuil, 2001.

\_\_\_\_\_. *Le pouvoir psychiatrique*. Paris: Ed. du Seuil, 2003.

\_\_\_\_\_. *Naissance de la biopolitique*. Paris: Ed. du Seuil, 2004a.

\_\_\_\_\_. *Sécurité, territoire, population*. Paris: Ed. du Seuil, 2004b.

\_\_\_\_\_. *Genealogia del racismo*. La Plata: Altamira, 1996

VEIGA-NETO, A. Coisas do governo... In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.) *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias nietzschianas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.